

DESCRIBÇÃO MORFOSSINTÁTICA DA LÍNGUA SHANENAWA (PANO)*

Gláucia Vieira CÂNDIDO¹

RESUMO *Este artigo tem por objetivo apresentar o resumo de uma análise descritiva do componente gramatical da língua Shanenawa pertencente à família Pano. A descrição se restringe à morfologia com enfoque sobre a palavra e seus constituintes estruturais (os morfemas), haja vista que, tipologicamente, o Shanenawa é caracterizado como língua aglutinante. O trabalho está dividido em duas partes básicas. Na primeira, descrevem-se as classes de palavras (ou partes do discurso) e a estrutura morfológica dessas classes. Na segunda, trata-se dos processos de formação de palavras: derivação e composição.*

ABSTRACT *The aim of this article is to present a summary of a descriptive analysis of the grammatical component of the Shanenawa language of the Pano family. The description restricts to the morphology with focus on the word and its structural constituent (the morphemes), because tipologically, Shanenawa is characterized as an agglutinant language. The work is divided in two basic parts. In the first one, the classes of words (or parts of the speech) are described, as well as a morphological structure of these classes. The second one is about the processes of formation of words: derivation and composition.*

0. INTRODUÇÃO

O povo Shanenawa, cujo nome etimologicamente é composto pelas formas *shane* (*porphyrolaema porphyrolaema*, espécie de pássaro de cor azul) e *nawa* (povo “estrangeiro”), habita a região norte central do Estado do Acre, à margem esquerda do rio Envira, no Município de Feijó. Os dados demográficos gerais, segundo a FUNAI

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 12 de novembro 2004, orientada pelo Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

¹ Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Goiás e do Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas (GICLI-UEG).

(2002), atestam a existência de 356 índios na etnia. Sua língua apresenta características léxicas e morfossintáticas de idioma pertencente à família Pano. Este artigo resume uma parte da descrição morfossintática dessa língua (Cândido, 2004) com enfoque especial sobre a palavra e seus constituintes estruturais. O texto se divide em duas partes. Na primeira, descrevemos as classes de palavras (ou partes do discurso) e a estrutura morfológica dessas classes. Na segunda, tratamos dos processos de formação de palavras: derivação e composição.

1. ANÁLISE

1.0. Preliminares

A língua Shanenawa se caracteriza como aglutinante, apresentando muitas palavras constituídas por mais de um morfema sufixal, como é o caso de **pi-şian-ma**, cuja segmentação (comer-PAS²-NEG) traduz 'Ele não comeu'. As palavras podem ser constituídas por uma base e um sufixo flexional, como em **şutaku-hu** (moça-PL) 'moças' ou por uma base e um sufixo derivacional como em **tsaw-ti** (sentar-INSTR) 'banco'. As palavras se dividem em duas classes (ou partes do discurso): abertas e fechadas.

1.1. As classes abertas

1.1.1. O nome

O 'nome' é a palavra que referencia pessoas, lugares, animais e objetos ou algumas propriedades, ações e estados: **awinhu** 'mulher', **nai** 'céu', **aman** 'capivara', **tari** 'roupa', **şawa** 'dia', **fakitian** 'infância' e **isin** 'dor'. Sob o prisma gramatical, redefine-se o nome a partir de propriedades morfológicas e sintáticas. Pertence à classe dos nomes, a palavra que contiver categorias como gênero, número, grau, caso, definitude, entre outras. Ademais, se essa palavra puder funcionar como sujeito ou objeto em uma sentença, também será considerada um nome (em oposição a outra classe como, por exemplo, o verbo).

² As abreviaturas e notações usadas neste texto são: 1pp 1ª pessoa plural; 1ps 1ª pessoa singular; 2pp 2ª pessoa plural; 2ps 2ª pessoa singular; 3pp 3ª pessoa plural; 3ps 3ª pessoa singular; A Sujeito de verbo transitivo; ABS Absolutivo; ACUS Acusativo; Adj; Adjetivo; ADVAdvérbio; ANIM Animacidade; ARG Argumento; ASP Aspecto; AUM Aumentativo; BENEF Benefactivo; BENEFIC Beneficiário; CAUS Causativo; COM Comitativo; CONJ Conjunção; DECL Declarativo; DEF Definido; DEM Demonstrativo; DES Desiderativo; ERG Ergativo; FRUST Frustrativo; FUT Futuro; GEN Genitivo; IMINIminentivo; IMPER Imperativo; INDEF Indefinido; INSTR Instrumental; INTERR Interrogativo; LOC Locativo; MA Momento de Acontecimento; ME Momento de Enunciação; N Nome; N.PAS Não Passado; NEG Negação; NOM Nominativo; NUM Número; O Objeto; Od Objeto direto; Oi Objeto indireto; ORD Ordem; PAS Passado; PL Plural; POSS Possessivo; PRES Presente; RECPR Recíproco; REFLX Reflexivo; S Sujeito de verbo intransitivo; SN Sintagma Nominal; TEMP Tempo; V Verbo. Símbolo: φ Não Marcado.

1.1.1.1. As categorias do nome

O gênero não é marcado no nome. Distinções como humano *x* não-humano são observadas lexicalmente ou inferidas pelo contexto. A distinção dentro do gênero natural (feminino *x* masculino), na classe de seres humanos, é marcada por lexemas diferentes: **ipa** ‘pai’ *x* **iwa** ‘mãe’; na dos não-humanos, pela posposição das formas **fini** ‘macho’ e **awinhu** ‘fêmea’ ao lexema epiceno: **anu fini** ‘paca macho’ *x* **anu awinhu** ‘paca fêmea’.

A categoria de número divide os nomes em duas subclasses diferenciadas pela estrutura morfológica de seus membros: a das entidades que são enumeradas como somente uma unidade e a das que podem ser contadas como mais de uma unidade. A distinção entre singular e plural se restringe aos seres humanos. O plural é feito com {-**hu**}: **jura** ‘pessoa’; **jura-hu** ‘pessoas’. A classe de não-humanos e a dos inanimados não marca o plural (**kaman** ‘cachorro’ ou ‘cachorros’). Eventualmente, recorre-se a quantificadores (**kapi** ‘jacaré’; **kapi rafu** ‘dois jacarés’) dependendo da necessidade de especificar o número das entidades. Nomes de entidades não pluralizadas (massa ou matéria descontínua) ou que traduzem idéias abstratas não são contáveis. As expressões **itjapa** ‘muito’ e **itjapamasta** ‘pouco’ quantificam esse tipo de nomes: **ini** ‘água’; **ini itjapa** ‘muita água’.

A gradação do nome se realiza por meio de processos sintéticos e analíticos. O primeiro (pouco produtivo) está condicionado à divisão dos nomes nas classes humano e não-humano, apenas se processando em casos de não-humanos. Para o aumentativo, usa-se {-**wan**}: **titi-wan** ‘gavião grande’ ou ‘avião’. O diminutivo é expresso por {-**pusku**}: **titi-pusku** ‘gavião pequeno’. O processo analítico se dá por meio da justaposição ao nome graduado das formas **iwapa** para o aumentativo e **iwapamasta** para o diminutivo: **takara iwapa** ‘galo grande’ e **takara iwapamasta** ‘galo pequeno’, respectivamente.

Nos nomes nucleares, aparecem as categorias de caso ergativo e absolutivo. Marca-se o nome em função de sujeito de verbo transitivo de uma forma distinta daquele que está em função de sujeito de verbo intransitivo ou de objeto de verbo transitivo. O último (o caso absolutivo) é não marcado: **runu-φ naaki** (cobra-ABS morrer) ‘A cobra morreu’; já o primeiro (o ergativo) é marcado por {-**n**} ou seus alomorfes {-**ni**}, {-**na**}, {-**nu**}: **runu-n takara-φ nakaaki** (cobra-ERG galinha-ABS morder) ‘A cobra mordeu a galinha’.

Nos nomes oblíquos, há marcas dos casos locativo, instrumental, comitativo e genitivo-possessivo. Dependendo de algumas distinções semânticas, o nome recebe vários sufixos de locativo. O espaço, onde outra entidade ou ação referida na sentença pode ser/estar localizada/realizada, é marcado por {-**mira**}: **ana ašfua-mira-ki** (língua boca-LOC-DECL) ‘A língua está dentro da boca’. Os sufixos {-**ani**} e {-**anu**} marcam o direcional, observando-se algumas orientações semânticas. Enquanto {-**ani**} é afixado ao nome que indica o destino da direção tomada: **awinhu piši-ani kaiki** (mulher casa-LOC ir) ‘A mulher vai para casa’, {-**anu**} é adicionado à origem espacial da direção:

awinhu pişi-anu uaki (mulher casa-LOC vir) ‘A mulher veio de casa’. No deslocamento de uma entidade de **A** para **B** ou vice-versa, marca-se a origem e, facultativamente, o destino: **awinhu pişi-anu Feijó-ani kaaki** (mulher casa-LOC Feijó-LOC ir) ‘A mulher foi de casa para Feijó’. O sufixo **{-kiri}** é uma alternativa para marcar tanto a origem quanto o destino, excetuando-se o nome **pişi** ‘casa’ e nomes de cidades e aldeias. Quando se pretende que um nome expresse metaforicamente uma função espaço-temporal, utiliza-se **{-nia}**: **Almir Belo Horizonte-nia-ki** (Almir Belo Horizonte-LOC/TEMP-DECL) ‘Almir é de Belo Horizonte’.

O nome que exerce o papel de instrumento, a exemplo do caso ergativo, também é marcado por **{-n}** e seus alomorfes **{-ni}**, **{-na}** e **{-nu}**: **Assisni fuşati-ni jumaj ritiaki** (Assis faca-INSTR onça matar) ‘Assis matou a onça com a faca’.

Independentemente da natureza semântica do ser possuído (partes do corpo, parentesco, etc.), o possuidor é marcado pelo caso genitivo, obedecendo à ordem **possuidOR-possuíDO**. A posse reforça a divisão da classe dos possuídos nas subclasses *humanos* e *não-humanos* (incluindo os inanimados). Na primeira, marca-se o dependente, sendo o núcleo não marcado. Novamente, o sufixo **{-n}** e seus alomorfes são adicionados ao possuidor: **Francisco-na mapu iwapa-ki** (Francisco-GEN(POSS) cabeça grande-DECL) ‘A cabeça do Francisco é grande’. Na subclasse dos não-humanos, não se marca o possuidor: **iştuku-φ taka iwapamasta-ki** (macaco-GEN(POSS) fígado grande-DECL) ‘O fígado do macaco é pequeno’.

O comitativo é marcado por **{-fi}** e **{-fitan}**. O primeiro é utilizado com verbo intransitivo: **fakihu awinhu-fi kaiki** (menino mulher-COM ir) ‘O menino vai com a mulher’. O segundo, com transitivo: **Assisni Auricélio-fitan iştin piaki** (Assis Auricélio-COM peixe comer) ‘Assis comeu os peixes junto com Auricélio’.

O conteúdo expresso por um nome de maneira *definida* para o falante em oposição ao que *é/está indefinido* no/pelo contexto extralingüístico, restringe-se à classe dos nomes humanos e é não marcada: **juşa-hu** ‘velha (indefinido)’ x **juşa** ‘velha (definido)’.

1.1.2. O adjetivo

A classe dos adjetivos do Shanenawa inclui nomes como adjetivos atendendo às funções de modificador: **fakin şarakapa iştin şuiaki** (menino bom peixe assar) ‘O bom menino assou o peixe’; e de predicativo: **pişi mişu-ki** (casa suja-DECL) ‘A casa está suja’.³ A relação entre sujeito e predicativo é estabelecida por justaposição com rígida ordem de constituintes: predicativo sempre à direita. Quando o SN apresenta mais de um modificador, os adjetivos se distribuem nas posições antecedente e posterior ao

³ Semanticamente, os enunciados aparentemente descritivos não apresentam formas verbais, mas, apenas o morfema de modo declarativo **{-ki}** afixado aos adjetivos.

núcleo: **şafunu şaka ini matfi aiaaki** (jabuti suja água gelada beber) ‘O jabuti bebeu a água suja e gelada’.

A negação dos adjetivos pode ser feita com **{-ma}**: **faki şara-ma-ki** (menino bom-NEG-DECL) ‘O menino não é/está bom’, ou **{-uma}**, sendo este exclusivo em sentenças nominais: **in tari fina-uma-ki** (1ps roupa nova-NEG-DECL) ‘Eu não tenho roupa nova’. Semelhantemente, as formas **iwapa** e **iwapamasta** modificam ou atribuem propriedades (dimensionais) aos nomes. Não há concordância formal entre adjetivos e nomes no SN. A maioria dos adjetivos se caracteriza pela terminação **{-pa}**: **şuatapa** ‘gordo’, **paşinipa** ‘amarelo’, etc. Geralmente, há formas distintas para os antônimos: **Assis şaşuna fina makaaki** (Assis canoa nova sair) ‘Assis saiu com a canoa nova’. Contudo, pode-se estabelecer oposição semântica via negação: **pişi iwapa-masta Militão-ki** (casa grande-NEG Militão-DECL) ‘A casa pequena é de Militão’ x **pişi iwapa Militão-ki** (casa grande Militão-DECL) ‘A casa pequena é de Militão’.

1.1.3. O verbo

No Shanenawa, o verbo funciona essencialmente como predicado e, de acordo com o número de argumentos que admite, se distingue em intransitivo (um argumento) e transitivo (mais de um argumento): **jumaj naaki** (onça morrer) ‘A onça morreu’; **Militõonu jumaj ritiaki** (Militão onça matar) ‘Militão matou a onça’.

Dentre as categorias pelas quais o verbo pode ser morfológicamente especificado, somente o modo é marcado na estrutura verbal. A forma **{-nan}** indica a relação recíproca entre sujeito e objeto: **atu kuşa-nan-hu-a-ki** (3pp bater-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL) ‘Elas bateram uma na outra’. A voz reflexiva é marcada por **{-mi}**: **nun şati-mi-a-ki** (1pp cortar-REFLX-PAS-DECL) ‘Nós nos cortamos’. A voz passiva não se processa nos verbos.

A categoria de modo é representada pelo declarativo, imperativo e interrogativo. O declarativo é marcado por **{-ki}**: **fakin nami piiki** (criança carne comer-DECL) ‘O menino está comendo carne’. O imperativo, em sua forma afirmativa, é marcado pelo morfema **{-wi}**: **pi-wi** (comer-IMPER) ‘Coma!’; o negativo é feito com **{-jama}**, precedendo **{-wi}**: **pi-jama-wi** (comer-NEG-IMPER) ‘Não comam!’. Quando a forma imperativa apresenta-se como uma ordem mais vigorosa, geralmente incontestável, adiciona-se **{-ta}** à base verbal: **pi-ta-jama-wi** (comer-ORD-NEG-IMPER) ‘Não comam! (mãe ordena aos filhos que não comam)’. O interrogativo, eventualmente, é marcado nas formas verbais pelo sufixo **{-man}**: **fakin nami pii-man** (menino carne comer-INTERR) ‘O menino está comendo carne?’.

Nessa língua, distinguem-se os eventos verbais apenas em realizados e não realizados, ou seja, tipologicamente o tempo é passado e não-passado. De fato, um mesmo morfema (**{-i}**) marca tanto os eventos que estão se processando no exato momento da enunciação quanto aqueles que ainda irão se processar. Por outro lado, há contextos em que o tempo verbal referido se assemelha àquele caracterizado como

presente propriamente dito. Ademais, um outro sufixo (**{-ṣunu}**) às vezes indica o futuro em situações específicas.

O tempo passado se refere a quatro momentos: imediato, recente, longínquo e remoto. Todos esses tipos têm como momento de referência presente um “agora”, em relação ao qual o momento do acontecimento é anterior. Em termos gerais, as subcategorias de passado se assemelham ao pretérito perfeito do Português que, como sabemos, é um tempo enunciativo. A distinção entre esses “passados” diz respeito somente à quantidade de tempo decorrido entre o momento da enunciação (ME) e o momento do acontecimento (MA) do evento verbal. O passado imediato se refere ao mesmo dia do ME (ou do ato de fala), ou seja, aquele em que a ação ou processo tenha se realizado e é expresso pelo sufixo **{-a}**: **anihu ka-a-ki** (velho ir-PAS-DECL) ‘O velho foi embora (ME: poucas horas depois do MA)’. O passado recente se refere a um, dois ou até três dias anteriores ao ME e é caracterizado por **{-ṣian}** afixado a bases verbais monossilábicas (ímpares) ou **{-ṣina}** ligado a bases com duas ou mais sílabas (pares): **fakin nami pi-ṣian-ki** (menino carne comer-PAS-DECL) ‘O menino comeu carne (ME: um dia depois do MA)’; **kamana takara riti-ṣina-ki** (cachorro galinha matar-PAS-DECL) ‘O cachorro matou a galinha (ME: três dias depois do MA)’, respectivamente. Se o acontecimento tiver ocorrido em um passado longínquo, desde que sejam semanas, meses ou poucos anos antes do ME, utiliza-se **{-tamia}**: **fakin nami pi-tamia-ki** (menino carne comer-PAS-DECL) ‘O menino comeu carne (ME: uma semana após o MA)’. Se, porém, o passado é remoto, ou seja, a ação (ou o processo) ocorreu muitos anos antes do momento da fala, o sufixo é **{-ni}**: **jumaj ka-ni-ki** (onça ir-PAS-DECL) ‘A onça foi embora (ME: muitos meses após o MA)’.

Quanto o evento verbal ocorre em um ponto preciso no tempo e coincide com o ME (presente pontual), usa-se o sufixo **{-i}**: **ui paki-i-ki** (chuva cair-PRES-DECL) ‘Está chovendo (ME: simultâneo ao MA)’. Esse sufixo também indica que o evento tem uma duração superior ao ME, embora com ele coincida em algum momento: **awinhu ka-i-ki** (mulher ir-PRES-DECL) ‘A mulher está indo embora (encontra-se a caminho de casa)’. Também para enunciar as chamadas verdades eternas ou que se pretendem como tal (presente omnitemporal ou gnômico), utiliza-se **{-i}**: **fakihu ṣuṣu-i-ki** (menino brincar-PRES-DECL) ‘Os meninos brincam (ME: simultâneo ao MA)’.

Também se houver previsão ou suposição de que o evento verbal ocorra imediatamente ou em algumas horas após o momento de referência presente, utiliza-se o sufixo **{-i}**. Este, conforme já dissemos, por coincidir com marca de presente é interpretado como marca de não-passado: **awinhu ka-i-ki** (mulher ir-N.PAS-DECL) ‘A mulher vai embora (MA: hoje)’. Contudo, se a realização do evento verbal for a partir do dia posterior ao ME, usa-se **{-ṣunu}**: **awinhu ka-ṣunu-ki** (mulher ir-FUT-DECL) ‘A mulher vai embora (MA: amanhã)’. Concluímos com isso que o sufixo **{-i}** projeta a referência temporal para um ponto mais imediato (equivalente ao período anterior ao próximo “raiar da luz do sol”), enquanto **{-ṣunu}** a remete para um ponto mais distante (desde que seja após o “raiar do sol” do dia seguinte). Outra forma de

indicar que um evento será realizado no futuro é o uso de expressões perifrásticas compostas pelo verbo principal e o verbo **ka** ‘ir’ no presente (indicada pelo sufixo {-i}) em uma espécie de incorporação: **jura nami pi-ka-i-ki** (povo carne comer-ir-N.PAS-DECL) ‘O povo vai comer carne (ME: antes do MA)’. Ressaltamos, contudo, que essa interpretação é ponto passível de discussão. Questiona-se, de fato, se a forma **ka** é uma base verbal ou se não se trata de um sufixo de futuro, ou seja, {-ka}. Embora, de maneira formal, a última hipótese pareça mais plausível, já que a forma em discussão se comporta como os sufixos verbais da língua, a questão não é de fácil resolução.

Até onde pudemos observar, nessa língua, o evento verbal pode apresentar-se ao falante com os seguintes aspectos: pontual, durativo, iminentivo e frustrativo. A maioria dessas subcategorias se liga ao tempo. Junto ao sufixo {-ni} (passado remoto), o sufixo {-paw} estabelece o aspecto imperfeito ou incompleto (durativo): **jura nami pi-paw-ni-ki** (povo carne comer-ASP-PAS-DECL) ‘O povo comia carne’. O aspecto completo (pontual) não é marcado: **awinhu şipi şui-φ-ni-ki** (mulher banana assar-ASP-PAS-DECL) ‘A mulher assou banana’; **a ka-φ-a-ki** (3ps ir-ASP-PAS-DECL) ‘Ele já se foi’; O aspecto durativo ou incompleto também não é marcado: **şanin ihu na-φ-i-ki** (chefe morrer-ASP-PRES-DECL) ‘O chefe está morrendo’. Já o habitual é indicado pelo morfema {-mis}: **nawan tjaşu riti-mis-i-ki** (homem veado matar-ASP-N.PAS-DECL) ‘O homem sempre mata veado’.

1.1.3.1. A negação verbal

Geralmente, a negação verbal é expressa por {-ma}. A ordem de ocorrência do morfema {-ma} é muito importante, pois, como veremos adiante, é isso que o distingue de seu homófono que marca o causativo: a negação se posiciona após os sufixos de tempo; o causativo, antes desses sufixos. Outra forma de estabelecer a negação é feita por meio da sufixação de {-jusma}, que se afixa apenas a bases verbais significando “nunca”, “nem sempre”, etc.: **in tjaşu riti-jusma-ki** (1ps veado matar-NEG-DECL) ‘Eu nunca matei veado’.

1.1.4. O advérbio

Em Shanenawa, a classe dos advérbios é representada pelos locativos, temporais, intensificadores e interrogativos, os quais apresentam bastante mobilidade dentro da sentença, embora a tendência seja não ocorrer nos extremos, principalmente quando a sentença é verbal (em que **V** ocorre rigorosamente em posição final). Os locativos incluem a forma **tjaj** ‘longe’ e seus antônimos constituídos a partir de sua base e dos sufixos de negação. Os dêiticos demonstrativos são **ninu** ‘aqui’, **wa** ‘lá’, **manaun** ‘em cima’ e **naman** ‘embaixo’. A posição temporal é indicada pelas formas adverbiais: **naşawata** ‘ontem’, **jamiri** ‘amanhã’, **rama** ‘agora’ e **ma** ‘já’. Para intensificar adjetivos usa-se **itjapa** ‘muito’ e **şara** ‘bem’, com suas contrapartes respectivas constituídas por suas

bases e o sufixo de negação: (**itšapamasta** ‘pouco’, **šarama** ‘mal’) e, ainda, as formas **funataka** ‘depressa’ e **kurušī** ‘devagar’. As formas **ma** e **uhun** indicam, respectivamente, circunstâncias de ‘negação’ e de ‘afirmação’. Estas, porém, apenas retomam em forma de respostas polares os enunciados expressos na sentença ou previstos pelo discurso.

1.2. As classes fechadas

1.2.1. Os pronomes

Em Shanenawa, a classe dos pronomes é representada por apenas duas categorias: os pessoais e os demonstrativos. Nos pessoais, não são verificadas distinções morfológicas para marcar gênero, mas as formas se distinguem dentro da categoria número: **in jumaj ritiaki** (1ps onça matar) ‘Eu matei a onça’; **nun jumaj ritiaki** (1pp onça matar) ‘Nós matamos a onça’. Outra informação contida nos pessoais se refere às relações sociais entre o falante e a terceira parte envolvida no discurso. As diferenças morfológicas, entretanto, se restringem à 3ª pessoa. Demonstra-se que se tem ou não relações definidas com o referente ao optar por uma das duas formas: **atu** ou **ahu**. Em geral, **atu** (definido) é utilizado para se referir àqueles que fazem parte do clã ou do território Shanenawa, enquanto **ahu** (indefinido), para seres genéricos (ou seja, qualquer um).

Como já dito, essa língua apresenta o sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo na morfologia nominal. No universo dos pessoais, porém, não há distinção formal entre as formas pronominais que exercem a função de **S** ou **A**: **nun inikiri uaki** (1pp(NOM) rio vir) ‘Nós viemos do rio’ ou **nun jumaj ritiaki** (1pp(NOM) onça matar) ‘Nós matamos a onça’. Por outro lado, há distinção na função de **S** ou **A** e aquelas que exercem o papel de **O**: **min ia ritiapajki** (2ps(NOM) 1ps(ACUS) matar) ‘Você quis me matar’ ou **in mia ritiapajki** (1ps(NOM) 2ps(ACUS) matar) ‘Eu quis matar você’. Isso caracteriza o quadro dos pronomes pessoais como marcado pelo sistema nominativo/acusativo e ainda indica que no Shanenawa há *split-ergativity*, ou seja, um sistema cindido de marcação de caso em que há certa alternância entre o emprego das formas acusativas e o das ergativas (nominativas e absolutivas) para indicar as funções sintáticas dos constituintes na sentença (Dixon, 1994:55). Contudo essa cisão restringe-se às formas pronominais de 1ª e 2ª pessoas. Primeiramente, a 3ª pessoa do singular em posição de sujeito muitas vezes é omitida na fala corrente: **ϕ naaki** (3ps morrer) ‘Ele morreu’. Quando se utiliza a forma pronominal de 3ª pessoa, estabelecem-se distinções morfossintáticas com base no sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo. Isto é, se o pronome está em função de **A**, empregam-se as formas **atun** ou **ahun** tanto para o singular quanto para o plural: **atun tšašu ritiaki** (3pp (DEF/ERG) veado matar) ‘Eles (conhecidos do falante) mataram o veado’ ou **ahun tšašu ritiaki** (3pp (INDEF/ERG) veado matar) ‘Eles (desconhecidos pelo falante) mataram o veado’. Se, contudo, o pronome funciona como **S** ou **O**, usa-se a forma **a** ou nada para o singular: **ϕ** ou **a naaki** (3ps(ABS) morrer) ‘Ele morreu’; para o plural, utiliza-se **atu** ou **ahu**, re-estabelecendo

novamente o sistema ergativo-absolutivo: **atu** naaki (3pp (DEF/ABS) morrer) ‘Eles (conhecidos do falante) morreram’ ou **ahu** naaki (3pp (INDEF) morrer) ‘Eles (desconhecidos pelo falante) morreram’.

Nas formas pronominais, entretanto, a alomorfa entre o sufixo {-n} e seus alomorfes não ocorre. Distribucionalmente, as marcas de posse regularizaram-se fonologicamente e sintetizaram-se em apenas duas, conforme a função morfológica no SN. Se uma forma pronominal funciona como adjetivo ou especificador do núcleo, afixa-se {-n}: **in aui-n işkin piaki** (1ps(NOM) 3ps-POSS peixe comer) ‘Eu comi o peixe dele’. Se, porém, a forma pronominal funciona como um substituto do nome, usa-se {-na}. Esse processo é, contudo, verificado apenas quando o objeto possuído é apagado na estrutura superficial.

No Shanenawa, os demonstrativos indicam localização espacial tomando como referência apenas o falante. Para tanto, duas formas demonstrativas são usadas: **na** e **wa**. A primeira indica maior proximidade entre o falante e aquilo que ele demonstra. Em Português Padrão equivaleria ao demonstrativo “este/esta”: **na şaşu** ‘esta canoa.’ A forma **wa** demonstra que o referente está mais distante de si, o que em Português seria traduzido por “aquele/aquela/aquilo”: **wa şaşu** ‘aquela canoa’. Os demonstrativos são formas gramaticais livres localizadas sempre à esquerda do nome e que não apresentam concordância em número, gênero ou qualquer outra dentro do SN.

1.2.2. As formas interrogativas

As formas interrogativas que, sob a ótica funcional, exercem papel de argumentos nucleares, em Shanenawa, são **tsuan** ‘Quem?’, **hawi** ‘Que?/Qual?/Quais?’ e **hawiti** ‘Quanto?/Quantos?’. Os advérbios são **awi** ‘Por quê?’, **haska** ‘Como?’, **haki** ‘Onde?’ e **hatian** ‘Quando?’. Na função de argumento, os interrogativos se colocam sempre em posição inicial da sentença e são empregados, como o próprio nome indica, para obter a identidade do argumento verbal nas funções de sujeito ou de objeto. Usam-se também essas formas para interrogar ou pedir alguma informação (quantidade, por exemplo) sobre os argumentos dos verbos. Também na função adverbial, as formas interrogativas se posicionam no início da sentença. Usam-se esses interrogativos para obter informações sobre circunstâncias verbais, como de causa, modo, localização (temporal e espacial), comitativo, entre outras.

1.2.3. O numeral

O Shanenawa não conta com uma classe vasta de numerais para contar qualquer quantidade. Os numerais simples compreendem apenas as quantidades “um” e “dois”, respectivamente, **wisti** e **rafu**. Os números “três” e “quatro” são expressos a partir das operações matemáticas de adição e multiplicação envolvendo as formas básicas **wisti** e **rafu**. Na condição de primo, o número “três” apenas é expresso pela adição das formas

básicas em questão (**wisti** inun [CONJ] **rafu**); já o “quatro” é expresso tanto pela soma quanto pela multiplicação da forma **rafu** ‘dois’: **rafu inun rafu** ou **rafurafu**. Para quantificar “cinco”, recorre-se à palavra **mifi** ‘mão’, que também é usada para constituir as formas quantificadoras a partir de seis unidades. A base **mifi** a rigor recebe o sufixo {-ti} (instrumental para quantificar), mas as operações matemáticas também podem ser usadas: **mifi inun wisti** ‘seis’, **mifi-ti-rafu** ‘dez’ e **mifi-ti-rafu inun wisti** ‘onze’. À medida que o número cresce, mais se recorre à operação de multiplicação. Entre os mais idosos, outro recurso usado é a referência aos pés. O termo **tai** ‘pé’ também recebe o sufixo {-ti}: **mifi-ti-rafu inun tai-ti-rafu** ‘2 mãos + 2 pés = 20’. Há ainda termos mais gerais para indicar quantidade como **itjapa** ‘muitos não-contáveis’, **itjapamasta** ‘poucos’, **wistima** ou **wasi** ‘alguns’ ou ‘muitos contáveis’, entre outros. Em geral, porém, expressa-se grandes quantidades recorrendo-se às formas **mifiti** e **taiti** na expressão: **mifiti inun taiti naramama jura** ‘qualquer número extenso’, cuja tradução literal é “mãos e pés de todos os índios”. Como uma espécie de composto sintático tal sentença pode corresponder a qualquer “numeral de alto valor”. Em suma, o sistema de contagem do Shanenawa é de base dois. Contudo, é o numeral cinco a base para a formação de todos os números maiores que ele.

1.2.4. A conjunção

Na língua Shanenawa, a classe das conjunções é composta por apenas duas palavras: **inun** e **askaşun**. A primeira é do tipo coordenativa e funciona exclusivamente como conectivo entre SNs. A segunda, **askaşun**, é subordinativa e funciona como transpositor de sentenças em enunciados complexos, ou seja, aqueles que se distinguem por terem um ou mais de seus constituintes exercendo a função de oração subordinada. Contudo, também é possível funcionar como um conector de sentenças não subordinadas.

2. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

2.1. Derivação

Em Shanenawa, são exemplos de bases derivacionais simples: **pani** ‘rede’, **aman** ‘capivara’ e **fari** ‘sol’. Exercendo a função semântica de nomear as mais diversas realidades lingüísticas, as bases derivacionais simples podem, sintaticamente, funcionar como sujeito ou predicado. A distinção entre um e outro, além da ordem na sentença, pode ser feita através da afixação do sufixo modal declarativo {-ki} às bases em função predicativa: **na pani-ki** (DEM rede-DECL) ‘Isso é uma rede’. As bases que originam outras palavras deixam de ser simples por meio de afixos derivacionais, lembrando que essa língua apenas apresenta sufixos e que os do tipo derivacionais são os que modificam

conceitos básicos e que, portanto, contribuem de forma direta para a significação da palavra. Isso ocorre com o sufixo {-ti} (um dos mais produtivos) que, ao ser afixado a bases verbais, as modifica formal e sintaticamente: [[fari]_N [unan]_N ti]_{Sufixo} (sol-sombra-INST) => [fariunan'ti?]_N ‘relógio’.

2.2. Composição

Em Shanenawa, a distinção entre compostos e sintagmas dá-se através da utilização dos critérios de acentuação e flexão no genitivo. Nessa língua, o acento incide apenas sobre a última sílaba das palavras. Na composição, o acento do(s) elemento(s) que se posiciona(m) mais à esquerda tende a enfraquecer ou mesmo desaparecer, já que apenas o elemento colocado em posição mais à direita deve receber o acento principal. Se duas ou mais palavras independentes se juntam em um sintagma, mantendo-se seus sentidos originais, e suas formas fonológicas coincidem com a fonética em termos de acento (ou seja, cada qual conservando o seu), então, considera-se que tais palavras não participam da composição, mas se trata apenas dos constituintes de um sintagma genitivo, cujo núcleo é modificado por um ou mais elementos do tipo genitivo ou adverbial: [i'fi?]_N ‘madeira’ + [pa'ni?]_N ‘rede’ => [i'fipa'ni?]_N => /ifi # pani/ ‘cama de madeira’. Se, porém, os mesmos elementos se unem resultando um composto com significado diferente dos indicados pelas formas individuais e, ainda, representações fonéticas do composto apontam a adequação das formas antigas à tipologia acentual da língua (uma só unidade acentuada com acento na última sílaba), os sintagmas constituem compostos autênticos: [i'fi?]_N ‘madeira’ + [pa'ni?]_N ‘rede’ => [i'fipa'ni?]_N => /ifi#pani/ ‘cama’. O segundo critério para distinguir sintagmas de compostos é morfológico e diz respeito à flexão do genitivo. Como já dito, o genitivo é marcado pela sufixação de {-n} e suas variantes posicionais ao nome do possuidor, o que torna o sintagma [na'wa-n]_N (branco-GEN) + [pi'a?]_N => /nawan#pia/ ‘flecha de branco’ uma construção genitiva. Quando, porém, se utilizam os dados **nawa** ‘branco’ e **pia** ‘flecha’ em uma composição, o sentido é diferente do sugerido pela construção genitiva e, então, {-n} não é expressa: [na'wa?]_N + [pi'a?]_N => [na,wapi'a?]_N => /nawa#pia/ ‘espingarda’.

2.2.1. Categorias lingüísticas na composição

Em Shanenawa ocorre uma distribuição bastante heterogênea entre os tipos de categorias participantes dos compostos, pois não só lexemas de classes idênticas participam de composições. De fato, a maioria dos compostos tem um nome em sua base, o qual pode se unir a categorias maiores como adjetivos ([i'ni?]_N ‘água’ + [iwa'pa?]_{A_{adj}} ‘grande’ => ini iwapa ‘rio’) ou verbos ([i'ni?]_N ‘água’ + [it'ju?]_v ‘correr’ => ini itju ‘corredeira’). Todavia algumas bases (que poderiam ser consideradas formas derivadas por combinarem raízes e algumas categorias menores, como os sufixos) também são

consideradas compostos. É o caso de compostos formados por um nome e pelos sufixos {-wan} e {-ti} que alteram o significado da base nominal: [titi]_N ‘gavião’ + {-wan}_{Sufixo}(AUM) => titiwan ‘avião’ e [pij]_N ‘pena’ + {-ti}_{Sufixo}(INSTR) => pijti ‘dinheiro’. O sufixo {-paj}, que expressa desejo de que o conteúdo da base verbal se manifeste, é outro caso. Aparentemente, as estruturas que denotam o desiderativo envolvem verbos e sufixos em uma espécie de incorporação: nukuhunin pişi [wa]_v{-paj}-ki (homem casa fazer-DES-DECL) ‘O homem quer fazer uma casa’.

Uma outra hipótese de incorporação se dá com o morfema {-kuan} que se afixa à base verbal indicando que o acontecimento verbal apresenta-se como *iminentivo*, isto é, muito próximo de ter se realizado a tal ponto de o traduzirmos como o “quase” do Português: in mia şati-kuan-aki (1ps 2ps bater-IMIN-DECL) ‘Quase bati em você’.

Os sufixos {-şun} e {-şuna} indicam que o acontecimento expresso pelo verbo foi, é ou será efetivado em benefício de algo ou alguém que está expresso na sentença como um nome. O sufixo {-şuna} afixa-se às formas verbais com mais de uma sílaba (as pares): Iraci mia şui-şuna-a-ki (Iraci 2ps cozinhar-BENEF-PAS-DECL) ‘Iraci cozinhou *para você*’; já {-şun}, às formas monossilábicas (as ímpares): jamiri mia Militão Feijóani ka-şun-i-ki (amanhã 2ps Militão Feijó ir-BENEF-FUT-DECL) ‘Amanhã, Militão irá a Feijó *para você*’. O nome em função de beneficiário não é aquele traduzido pelo caso dativo: Iracini matu Assis atsa inan-şuna-i-paj-ki (Iraci 2pp Assis(BENEFIC) macaxeira dar-BENEF-N.PAS-DECL) ‘Iraci dará macaxeira para vocês *para Assis*’. O que é fundamental é a ordem dos constituintes: S+Oi+BENEFICIÁRIO+Od+V.

O morfema {-panan}, em enunciados compostos por sentenças interdependentes, expressa o frustrativo, ou seja, uma espécie de *impedimento* da realização denotada por um dos verbos do enunciado. O morfema é um indicativo de que tal evento *foi*, é ou *será* frustrado, sendo o motivo disso explicado pela outra sentença: [in ka-paj-panan]O₁ [ui-a]O₂ (1ps ir-DES-FRUST chover-PAS) ‘Eu queria ir, mas choveu’.

Há dois tipos de construções causativas nessa língua. A primeira é constituída pelo morfema {-ma} sufixado ao verbo principal: kamana faki şian-ma-a-ki (cachorro menino chorar-CAUS-PAS-DECL) ‘O cachorro fez o menino chorar’. O morfema {-ma} indica que o evento ou estado por ele referenciado é *causado* por um elemento distinto daquele que em uma sentença simples ocupa a função de sujeito verbal. Ademais, {-ma} funciona como um transitivizador. Semanticamente, o verbo şian ‘chorar’ mantém-se como intransitivo por não exigir um objeto. Todavia, formalmente, embora a função de agente do verbo principal seja mantida, {-ma} cria uma função sintática (antes não existente) de sujeito de verbo transitivo, que é exercida pelo causador (*causer*) do evento verbal. Ao mesmo tempo, como predicado de A, tem-se a estrutura composta por S e o verbo şian ‘chorar’. O causativo {-ma} figura também em bases transitivas: iwan fakin runu riti-ma-a-ki (mãe menino cobra matar-CAUS-PAS-DECL) ‘A mãe fez o menino matar a cobra’. Como no caso anterior, uma nova posição A é criada e co-ocorre com aquela que já existia na sentença. Contudo a introdução de {-ma} e do *causer* nas sentenças comunicativas pouco altera a ordem dos constituintes que é

[S(CAUSER)S(S ou A)OV-CAUS]. Em suma, a posição do *causer* é sempre inicial, antecedendo a do outro sujeito. Outra característica mantida após a introdução do causativo em uma sentença diz respeito ao sistema de marcação de caso. No tocante ao verbo intransitivo, o *causer* é marcado pela nasalidade para indicar o caso ergativo, enquanto o outro argumento é marcado pelo absolutivo. Quando, porém, se trata de um verbo transitivo, tanto o *causer* quanto A levam a marca de ergativo. Em contrapartida, os objetos são marcados pelo absolutivo. A outra forma de causativo é feita por uma locução constituída pelo verbo principal e o auxiliar *wa* ‘fazer’. A forma *wa* incorpora-se ao verbo principal como um sufixo como outros morfemas verbais: **min ia itjapa raja-wa-a-ki** (2ps 1ps muito (ADV) trabalhar-CAUS-PAS-DECL) ‘Você me fez trabalhar muito’.

Um caso especial de compostos envolve verbos transitivos e alguns nomes relativos a partes do corpo em função de objeto. Para exemplificar, consideramos os dados **puku** ‘barriga’ e **ṣati** ‘cortar’. A base nominal se junta ao verbo resultando em uma nova base de verbal. Esse pode ser um tipo de incorporação em que uma palavra, comumente um verbo, junta-se ao objeto direto ou modificador adverbial, sem que estes percam suas funções sintáticas originais. O resultado é um composto, isto é, um predicado intransitivo que denota um conceito unitário. Contudo, em Shanenawa, somente a sílaba inicial dos nomes que participam da composição é incorporada ao verbo: [pu]_N + [ṣa'ti?]_V => [puṣa'ti?]_V ‘cortar a barriga’. Isso nos impede de considerar tais processos como incorporações convencionais, pois, conforme Spencer (1991), para que uma incorporação verdadeira ocorra, os constituintes dos compostos, quando isolados, devem representar uma paráfrase desses compostos. Analisando os dados, hipotetizamos que a raiz do nome da parte do corpo pode ser a forma **pu** ‘barriga’. No entanto, os falantes rejeitam essa base e tampouco a forma **-ku** tem significado de forma isolada. Diante disso, consideramos o processo como uma “semi-incorporação” nominal ou, ainda, um tipo de incorporação seguida de apagamento por razões fonológicas ou morfológicas não detectadas neste estudo.

CONCLUSÃO

O presente artigo apresentou o resumo de uma parte da análise descritiva do componente gramatical da língua Shanenawa (Pano) tal como exposta em Cândido (2004). Focalizando a morfologia, mostrou-se que o Shanenawa enquadra-se no rol dos idiomas de tipologia aglutinante, já que nessa língua a palavra constitui-se minimamente de uma base lexical e, quando necessário, de sufixos flexionais ou derivacionais e, ainda, de compostos. Esse panorama do componente morfológico revelou que a língua é bastante rica morfologicamente. Em se tratando dos processos de formação de palavras - derivação e composição, vimos que há uma série de processos de incorporação de sufixos a bases verbais indicando diversas funções, como o causativo, o benefactivo, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, S.R. & KEENAN, E.L. (1985). Deixis. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, p. 259-308.
- CÂNDIDO, G.V. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas
- DIXON, R.M.W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Departamento de Documentação (DEDOC) e Serviço de Informação Indígena (SEII). Campinas, Brasil, 7 de novembro de 2002. 1 mensagem eletrônica. Entrevista concedida a Lincoln Almir Amarante Ribeiro.
- SPENCER, A. (1991). *Morphological Theory*. Basil Blackwell.